

Corpo e língua em (dis)curso: a normatização de sentidos pelo digital

Marco Antonio Almeida Ruiz*

<https://orcid.org/0000-0003-2438-9252>

Lígia Mara Boin Menossi de Araújo**

<https://orcid.org/0000-0003-2047-3019>

Resumo: Apresentamos uma análise representativa da relação entre a norma da língua e a norma do corpo feminino em rede social. Observamos o perfil da empresária Cíntia Chagas no Instagram, relacionando, por um lado, a língua, no âmbito profissional, a um modelo de sucesso e, por outro, seu corpo, na vida pessoal, a um padrão de beleza estigmatizado. Analisamos as cenografias criadas dessa relação com o digital e seus (d)efeitos diante das movências de sentidos quando atreladas às condições de sua emergência. Nossos pressupostos teórico-metodológicos inscrevem-se na análise do discurso francesa, sobretudo na noção de *scenas da enunciação* de Dominique Maingueneau.

Palavras-chave: corpo feminino. digital. língua. norma.

Body and language in (dis)course: the normalization of meanings through the digital

Abstract: We present a representative analysis of the relationship between the norm of the language and the norm of the female body in social networks. Thus, we observe the profile of the businesswoman, Cíntia Chagas, on Instagram, relating, on the one hand, the language, in the professional sphere, to a successful model and, on the other hand, her body, in her personal life, to a stigmatized beauty standard. We analyzed the scenography created from this relationship with the digital and its (d)effects in the face of movements of meaning when linked to the conditions of its emergence. We subscribe to the theoretical-methodological assumptions of French discourse analysis, especially in the notion of scenes in Maingueneau's enunciation.

Keywords: female body. digital. language. norm.

* Universidade Federal de Goiás. Professor Adjunto na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e doutor em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. E-mail: marcoalmeidarui@gmail.com.

** Universidade Federal de São Carlos. Professora adjunta no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e representante estadual (SP) da rede Parent in Science. E-mail: ligiamenossi@gmail.com.



Corps et langage en (dis)cours : la normalisation des significations par le numérique

Résumé : Nous présentons une analyse représentative de la relation entre la norme du langage et la norme du corps féminin dans les réseaux sociaux. Ainsi, on observe le profil de la femme d'affaires, Cíntia Chagas, sur Instagram, relatant, d'une part, la langue, dans la sphère professionnelle, à un modèle à succès et, d'autre part, son corps, dans sa vie personnelle, à un standard de beauté stigmatisé. Nous avons analysé la scénographie créée à partir de ce rapport au numérique et ses (d)effets face aux mouvements de sens liés aux conditions de son émergence. Nous souscrivons aux postulats théoriques et méthodologiques de l'analyse du discours français, notamment dans la notion de scènes dans l'énonciation de Maingueneau.

Mots-clés : corps féminin. numérique. langue. norme.

Introdução

Em nosso dia a dia, quando falamos não mobilizamos de modo automatizado as normas de uma língua, ou seja, ao construirmos um certo enunciado, não costumamos ordenar as sequências linguísticas previamente sem, de fato, conhecer o espaço enunciativo que um determinado texto (oral ou escrito) vai emergir e, com isso, produzir os sentidos desejados. Como consequência disso, vemos na oralidade produções linguísticas que se distanciam de uma regra mais tradicional da sintaxe, por exemplo, (re)produzindo lugares pouco relevantes para uma perspectiva gramatical da língua, e que toma a estrutura e as regras como fundamentais para uma comunicação.

Assim, diante desse tipo de situação, colocamo-nos em uma discussão ainda forte na realidade brasileira: como pensar a língua sem determo-nos apenas em uma variante culta, da gramática? Considerando que na oralidade também há certas regras que determinam o modo como os sentidos circulam e os fazem significar a depender do contexto, por que é preciso refletir sobre tal questão no Brasil contemporâneo? Neste artigo, nossas reflexões, que não têm o objetivo de esgotar as questões acerca do tema, pelo contrário, apenas instar a novas formas de observarmos as interações sociais, em especial a partir das redes digitais, busca construir um gesto de leitura particular filiado à metodologia da análise do discurso francesa, tomando como proposições centrais as

noções enunciativas de Dominique Maingueneau (2006, 2013, 2015), sobretudo de cenas de enunciação¹.

É por meio dessa disparidade entre as diferentes modalidades de língua – oral e escrita – que podemos questionar a oposição que há tempos se coloca na história dos estudos linguísticos – gramática e linguística – e é, por isso, responsável por problematizar certas questões que até hoje abrem sendas e veredas e causam, ainda, o estigma do “certo” e “errado”. Tais princípios são produzidos porque a maioria da população tem em suas bases formativas a cristalização de discursos que colocam a norma gramatical como um modelo “ideal” de língua, responsável por mensurar não só os setores sociais (falar bem = mais educado *versus* falar mal = menos educado), mas também por ordenar e estruturar toda prática de comunicação. Tais práticas, inscritas nas diferentes instâncias enunciativas, ratificam um imaginário de “melhor” e “pior”, fomentando, desse modo, o preconceito linguístico² e social, negando a diversidade linguística que ocupa todo o espaço brasileiro.

A comunicação ocorre sem que nos demos conta de que a língua é regida por regras estabelecidas previamente. Em virtude disso, entendemos que existe uma norma padrão que é preconizada em muitos setores da sociedade civil, tais como: escolas, cursos preparatórios para concursos que primam, na maioria das vezes como objetivo central, pela manutenção de um imaginário bastante forte, o “falar bem”, como resultado do sucesso (pessoal e profissional). Diante dessa realidade, vemos, como consequência,

¹ Sabemos da importância de pesquisas e escritos na área que já foram desenvolvidos acerca da temática da norma da língua e que, cada um a seu modo, (re)contam tais problematizações a partir de diferentes vertentes da linguística, a saber: Pagotto (1998) e Faraco (2009), por exemplo. Todavia, este nosso artigo, sem desconsiderá-los, tem como objetivo propor um outro gesto interpretativo sobre esse tema a partir dos estudos discursivos, mais especificamente acerca da noção de cenas de enunciação de Maingueneau (2006, 2013, 2015), que nos possibilitam ressignificar tais questões também por campos dos estudos linguísticos e que, a seu modo, também contribuem para ampliarmos as discussões e compreendermos os usos da língua nas diferentes interações sociais.

² Vale ressaltar a grande contribuição de Bagno (2007), *Preconceito linguístico, o que é, como se faz*, que reflete sobre o preconceito linguístico na sociedade a partir da negação das variedades linguísticas. Em suas reflexões, o autor afirma que o preconceito vem não só da ordem da língua, mas também da social, pois o que é colocado em jogo não é a forma de falar de cada indivíduo, mas a própria pessoa como um ser social, isto é, não se trata de apenas zombar da língua do outro, mas é, também, de rejeitar a própria identidade do indivíduo que pertence a uma certa comunidade de fala (Bagno, 2007). É nesse íterim de desavenças e movências de sentidos que podemos compreender também esse cenário por meio das cenografias, de Maingueneau (2006), que são capazes de (des)construir e (re)validar (ou não) certos preconceitos conforme as cenas em que esses tipos de discursos emergem nas redes e mídias digitais, por exemplo.

situações enunciativas que estabilizam essa paridade, e em total desfavorecimento constroem certos juízos de valores sobre a língua do cotidiano, desconsiderando a diversidade linguística.

Em outras palavras, conhecer as diferenças dos usos da língua nas diferentes condições de produção implica pensarmos também num ensino que não priorize apenas modelos e estruturas pré-estabelecidas por uma gramática de poucos, mas amplia a visão contemplando uma heterogeneidade brasileira presente na fala de todos que são falantes de uma língua portuguesa, dos usos de um cotidiano que representa as mudanças que a língua sofre conforme as interações sociais entre os sujeitos falantes.

Com efeito, é preciso pensarmos que *todos devem ter acesso à educação*, de qualidade e inclusiva; ao mesmo tempo, ao fazermos tal afirmação, não organizamos a frase anterior pensando, por exemplo, que *Todos*³ é o sujeito ou porque *acesso à educação* deve (ou não) ter o uso do acento grave indicativo de crase, mas a compomos devido à pluralidade cultural que nosso país possui e as diferentes formas e expressões linguísticas usadas diariamente que configuram os usos e transformações da língua em sociedade. Possenti (1996) afirma que:

Saber falar significa saber uma língua. Saber uma língua significa saber gramática. [...]. Saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas e sintáticas (POSSENTI, 1996, p. 26).

Diante disso, propomos neste espaço uma reflexão acerca dos imaginários construídos de “certo” e “errado” no uso da língua do cotidiano a partir do olhar da linguística discursiva, procurando nos distanciar, ao mesmo tempo, da percepção equivocada de que, para os linguistas, tudo se pode. Ou seja, propomos destacar uma

³ Devido aos muitos movimentos sociais de resistência contra o machismo e a determinação de gêneros na língua, não é uma novidade observarmos as discussões cada vez mais latentes e polemizadas acerca da linguagem não binária ou, também, conhecida como linguagem neutra. Nesse sentido, cada vez mais certas marcações do sujeito na língua não estão mais tão nítidas e atreladas apenas ao “tradicional” de masculino e feminino, mas também a novas (des)construções linguísticas que refletem as mudanças que vêm ocorrendo no país diante da (im)posição dominante da norma. *Todos*, *todas* e *todes* são formas cada vez mais recorrentes nos empregos da língua no cotidiano e que não mais expressam literalmente as regras de uma normatização gramatical, naturalizando sentidos pré-estabilizados, pelo contrário, promovem movimentação da sociedade e transformações históricas que influenciam a constituição dos sujeitos numa determinada época, numa determinada cultura.

relação que ainda é muito presente no formato de ensino de língua portuguesa no Brasil, associando-a a modelos previamente cristalizados de que a variante padrão, o modelo de língua “ideal”, é aquele compreendido e difundido pela gramática normativa. Não iremos perscrutar sobre as normas da variante culta da língua, não é essa a nossa função, mas compreender a partir da observação de materiais no digital como certos valores gramaticais marcantes são revisitados e podem sofrer modificações quando pensados no interior dos estudos do discurso.

Em outras palavras, pautados pelas reflexões discursivas sobre a linguagem, tomamos como *corpus* de análise um perfil da rede social Instagram⁴ de uma empresária e professora de língua portuguesa, Cíntia Chagas. Nosso objetivo é analisar a relação do corpo e a da gramática como modelos que se assemelham em níveis distintos, isto é, problematizamos a forma como esse perfil mobiliza o ensino da norma exaltando-a como “certa”, sinônimo de sucesso profissional e pessoal e tudo que se difere disso é “não padrão”, “menos importante”. Nossa hipótese principal é a de que os dizeres e discursos sobre uma língua normativa e “ideal” se sustentam por sujeitos que também (re)dizem sobre esses imaginários estabilizados na história, como: qual modelo de beleza (feminina)? E qual modelo de língua se padroniza a esse cenário construído socialmente?

Corpo e gramática, nessa cenografia, ganham outras formas de circulação a partir dessas redes discursivas que se difundem sobretudo pelo digital, sedimentando estereótipos acerca de um “ideal” tanto de corpo (feminino) quanto de língua pré-fabricados, configurando-se, assim, num valor estigmatizado de que se o sujeito “fala bem”, seu resultado será, sem dúvidas, o sucesso profissional garantido.

Ademais, nosso mote de reflexão é tentar ampliar essa discussão trazendo como material de análise o corpo da mulher, acoplado também ao idealismo de um certo padrão histórico e institucionalizado, modelo discursivizado de beleza, que pode se associar, de certa forma, a essa prescrição gramatical graças a certas regularidades que aproximam as duas instâncias discursivas. Por exemplo, o perfil que é analisado mistura assuntos pessoais e profissionais, vemos o corpo feminino como uma regularidade

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/cintiachagass/>. Acesso em: 6 set. 2022.

central dos assuntos pessoais e que “joga” com sentidos pareados com o âmbito profissional:

- 1) “mulher ideal” = corpo “perfeito”, modelo padronizado conforme os discursos da beleza feminina dominantes & o saber “falar bem” = sucesso profissional *versus* 2) “mulher não ideal” = não padrão de beleza & o saber popular = o não sucesso profissional.

Temos, com isso, em meio a essas situações criadas, uma problematização do corpo e da gramática como mecanismos de (re)produção de imaginários dominantes, isto é, discursos que reforçam diariamente o que é “aceitável” e o que não é na sociedade, da moda do corpo à norma da língua⁵.

O corpo e(m) (cena) a norma: a dieta do corpo e da língua

A partir das reflexões que desenvolveu sobre a noção de formações discursivas, Dominique Maingueneau (2015) propõe que se pense o conjunto de termos que designam as categorias na análise do discurso por meio de duas grandes unidades: as unidades tópicas e as unidades não tópicas. Nesse caminho, aos analistas do discurso cabe categorizar os tipos de unidades com as quais eles trabalham e, então, observar como elas são construídas em função das restrições e dos objetivos de suas pesquisas.

As unidades tópicas apresentam fronteiras já delineadas enquanto as unidades não tópicas terão as suas definidas a partir do movimento de pesquisa do analista. Assim, as unidades tópicas são, de alguma forma, dadas, pré-recortadas por meio das práticas sociais, elas se articulam em torno da categoria de gênero do discurso, tomado aqui como instituição de fala, dispositivo de comunicação sócio-historicamente determinado. Digamos que é possível identificar as características das unidades tópicas sem ter que

⁵ Inevitavelmente, ao olharmos alguns materiais de promoção de cursos de português e gramática de empresas ou perfis de professores nas mídias digitais, compreendemos o quanto um ideal prescritivo e normativo ainda se configura na nossa formação social, atrelando sentidos de que há apenas um único modelo de língua a ser ensinado, aquele derivado do “certo” e “errado”, movimentando discursos que predominam na sociedade e, conseqüentemente, alcançando os diferentes níveis de formação e ensino de todo o país. Falar bem, aos olhos desses tipos de discursos dominantes, que representam apenas uma parcela da população, é ser sinônimo de sucesso profissional e pessoal.

recorrer a outros discursos. Além disso, o autor afirma que as unidades tópicas podem ser territoriais, tipos e gêneros do discurso e, transversas, como registros linguísticos, funcionais e comunicacionais; neste trabalho, não iremos pormenorizar cada uma delas, uma vez que iremos nos deter aos gêneros do discurso para, então, partimos para a questão das cenas de enunciação.

Antes de falarmos sobre as cenas, tomaremos, brevemente, as unidades não tópicas como aquelas que são construídas pelos pesquisadores a partir das unidades tópicas, ou seja, o analista é que toma a decisão de como as unidades não tópicas serão agrupadas. Podemos dizer que, dentre as unidades não tópicas, estão as formações discursivas e os percursos. Em *Discurso e análise do discurso*, Maingueneau (2015) acrescenta que os gêneros do discurso são unidades tópicas essenciais e que recobrem o conjunto de atividades discursivas decorrentes do regime instituído⁶. Para analisar os gêneros do discurso, o linguista francês mostra a noção de cena da enunciação como um avanço para a teoria dos gêneros do discurso.

A partir disso, os analistas passariam a usar o termo cena que possibilitaria que se pensasse tanto em um quadro – que representa as restrições do gênero – quanto em um processo – como aquilo que rege a encenação da enunciação; ainda que “a relação entre quadro prévio e a encenação da fala que a enunciação implica não é a mesma em todos os gêneros do discurso” (MAINGUENEAU, 2013, p. 118). Trazida pela primeira vez na obra *Análise de textos de comunicação* (1998)⁷, a cena enunciativa é composta pela cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

Em relação à cena englobante, o autor afirma que se trata do tipo de discurso (Maingueneau, 2006, 2013); quando nos deparamos com um *post* nas redes sociais

⁶ O regime instituído contempla os regimes autorais e os rotineiros. Entendemos por regimes autorais aqueles que são atribuídos pelo próprio autor, que são sempre indicados no paratexto, ou seja, no título ou subtítulo, por exemplo: meditação, ensaio, dissertação... fator que impõe um quadro de atividade discursiva, indicando tanto o destinatário, quanto ao modo que se pretende que o texto seja interpretado. Os gêneros rotineiros, segundo Maingueneau (2013), são os que melhor correspondem à concepção de gênero do discurso como dispositivo de comunicação sócio historicamente determinado. Assim, as finalidades da atividade, os papéis exercidos pelos parceiros da comunicação, as circunstâncias nas quais a comunicação, são fixadas e permanecem imutáveis no ato da comunicação. (Maingueneau, 2013).

⁷ Maingueneau, na obra *Discurso e análise do discurso* (2015), ao comentar sobre a primeira vez sobre a noção de cena está se referindo à obra publicada em francês: MAINGUENEAU, D. *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod, 1998. Cabe acrescentar que a ordem de publicação das obras do autor aqui e na França são distintas.

devemos ser capazes de determinar qual é a cena englobante (político, religioso, humorístico) que iremos nos situar para interpretar o discurso e para saber de que modo aquela cena interpela o seu leitor, em função de qual finalidade aquela publicação foi criada. Todavia, a cena englobante não especifica as atividades discursivas em que estão engajados os sujeitos, o que define essa situação de comunicação são os gêneros do discurso, ou seja, a cena genérica que suscita contextos específicos, como: papéis, inscrição no espaço/lugar (topografia) e no tempo/momento (cronografia), suporte material e finalidade. As duas cenas, englobante e genérica, definem o que o linguista chama de quadro cênico, espaço estável no interior do qual o enunciado passa a adquirir sentido. Entretanto, o internauta, nessa condição que citamos anteriormente, não se defronta com o quadro cênico, mas com a cenografia que se sobrepõe a esse quadro.

A cenografia é a questão que nos interessa particularmente em virtude de nossa hipótese de pesquisa propor que os enunciados verbais e não verbais que compõem os *posts* da empresária Cíntia Chagas constroem uma analogia possível entre o corpo e a gramática, pois ambos seriam, de acordo com as formações discursivas dominantes na sociedade, regidos por normas de funcionamento estético e linguístico. Além disso, vale destacar a afirmação de Maingueneau (2006) acerca da cenografia, em que não se configura como um quadro estável, mas como responsável por desenrolar a enunciação; ela é, ao mesmo tempo, quadro e processo. Vejamos:

A *-grafia* é um processo de inscrição legitimante que traça um círculo: o discurso implica uma certa situação de enunciação, um *ethos* e um “código linguageiro” através dos quais se configura um modo que, em retorno, os valida por seu próprio desenvolvimento. O “conteúdo” aparece inseparável da cenografia que o porta (MAINGUENEAU, 2006, p. 47).

A cenografia é instaurada pela enunciação progressivamente como seu próprio dispositivo de fala, isto porque ela não seria um quadro, um ambiente em que o discurso ocorreria em um espaço. Há gêneros de discurso que se fixam a sua cena genérica, isto é, que não são susceptíveis de permitir cenografias variadas, outros exigem escolhas de uma cenografia. Diante disso, na composição cenográfica, a enunciação busca promover seu próprio dispositivo de fala, o que implica em um *enlaçamento paradoxal*. Digamos que a palavra pressupõe uma certa situação de enunciação que é legitimada por essa

mesma enunciação; o que implica dizer que a cenografia é origem e produto do discurso.

De acordo com Maingueneau:

A cenografia implica, desse modo, um processo de *enlaçamento paradoxal*. Logo de início, a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação. Desse modo, a cenografia é *ao mesmo tempo a fonte de discurso e aquilo que ele engendra*; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém, segundo o caso – a política, a filosofia, a ciência –, ou para promover certa mercadoria (MAINGUENEAU, 2013, p. 98).

Na obra *Cenas da Enunciação*, o linguista francês ainda afirma que há o encaixamento de uma cena de fala em outra, quando uma cenografia se apoia em uma outra cena validada. As cenas validadas já estão instaladas na memória coletiva, seja por representar algo que se rejeita ou podendo ser um modelo valorizado, ela se apoia em um estereótipo descontextualizado, popularizado pela mídia. Em *Análise de Textos de Comunicação* (2013), encontramos ainda a ideia de que as cenas validadas possíveis podem variar em função do grupo visado pelo discurso, uma comunidade religiosa, por exemplo, por possuir uma memória própria. De maneira geral, é possível dizer que uma certa quantidade de cenas pode ser compartilhada com um grande público.

Se falamos de “cena validada” e não de “cenografia validada” é porque a “cena validada” não se caracteriza propriamente como discurso, mas como um estereótipo automatizado, descontextualizado, disponível para reinvestimentos em outros textos. Ela se fixa facilmente em representações arquetípicas popularizadas pelas mídias. Pode-se tratar de acontecimentos históricos ou de cenas genéricas (MAINGUENEAU, 2013, p. 102).

Do ponto de vista da cenografia, o *post* do Instagram – como um gênero do discurso –, tem uma posição privilegiada porque é uma cena genérica que não permite prever qual será a cenografia utilizada antes de considerar as condições de sua produção, isto porque há discursos cujos gêneros implicam cenas enunciativas mais estabilizadas, fixas, que seguem o modo de operar das cenas genéricas; há outros, como *posts* em redes sociais, que se afastam de um modelo pré-estabelecido porque acabam funcionando a partir do *modus operandi* que a própria rede estabelece e cria diante de modelos e ideais cristalizados. No caso das publicações analisadas, vemos como a própria cenografia construída pode gerar uma relação direta entre o corpo e a gramática justamente por haver certas colocações discursivas que privilegiam um certo padrão, seja da língua

portuguesa, como sinônimo do sucesso profissional, seja do corpo, reproduzindo estereótipos sobre modelos de beleza e o padrão da mulher (alta, bonita, magra, cabelos lisos, por exemplo). Muitas vezes, a cenografia pode ser especificada pelo texto ou pode ser difusa ao remeter a um conjunto vago de cenografias possíveis, sem necessariamente deixar claro o uso de um gênero do discurso específico.

Uma análise das cenas em dis(curso): as redes no digital

A língua portuguesa, na variante padrão, é muito bem quista e valorizada socialmente. Ela adquire, com isso, um certo *status* social atrelado fortemente a certas qualidades atribuídas pelos sujeitos em diferentes setores que propõem oposições marcantes na história e fomentam ainda mais uma oposição entre os estudos linguísticos e a vertente gramatical da língua, ou seja, entre o que se constroem socialmente sobre as definições de “certo” ou “errado”, “melhor” ou “pior”.

Com efeito, a nosso ver, essa (re)construção acaba por reforçar certos traços estigmatizados de uma sociedade predominantemente elitista que preza pelas normas e amplia ainda mais a falsa ideia de um único modelo “ideal” da língua, a prescrição, e, por sua vez, (re)produz uma homogeneização. Em outras palavras, falar “direito”, “corretamente”, como um sinônimo de classes mais abastadas, por exemplo, refere-se a usar verbos bem conjugados, encontrar tanto na escrita quanto na fala (como se isso fosse possível) uma concordância impecável entre os termos essenciais de uma oração; se encontrarmos a utilização de “as menina”, conforme alguns compêndios de gramática normativa, já seria indício de que determinado sujeito não é “culto” e, conseqüentemente, é “menos” preparado gramaticalmente, segregando formalmente a população, sua identidade.

Tais imaginários são arraigados historicamente e reverberados cotidianamente por sujeitos que estimulam a todo instante a ideia da prescrição, colocando “ordem” na língua segundo um modelo normativo, criando, de fato, padrões de fala que todos deveríamos seguir e esquecendo-se de que em nosso país, marcadamente plural e

heterogêneo, há variedades linguísticas bastante significativas que descrevem e marcam as nossas diferentes origens e culturas, as nossas diferentes identidades. Para este nosso artigo, nosso olhar é propor um gesto de leitura inicial sobre esse modelo normativo que tanto vigora no social como variedade única e de prestígio, servindo, muitas vezes, de “selo de qualidade” aos sujeitos falantes de língua portuguesa no Brasil. Pelo menos àqueles que pensam que a gramática é a única forma de comunicação social, independentemente de sua modalidade, escrita ou oral.

A partir dessa padronização, temos como objetivo problematizar tais imaginários de “certo” e “errado” tão arraigados e tão latentes que promovem a construção de falsos idealismos sobre a língua, como “melhor” e “pior” falantes aqueles que não seguem as regras gramaticais e, por isso, cometem os tais “erros” que são, no senso comum, imperdoáveis, em especial quando tratamos da modalidade oral. Além disso, é importante destacarmos como essa padronização, no âmbito linguístico, adquire contornos expressivos que podem expandir-se e deslocar-se para outras esferas da sociedade, retomando, por exemplo, os (dis)discursos acerca da padronização do corpo feminino e os discursos no imaginário acerca do corpo belo, sarado e bonito conforme uma parcela de discursos que ratificam tais imaginários históricos e sociais.

Assim, o material que destacamos a seguir reforça como esses discursos – o da norma gramatical e o da beleza, sinônimo do corpo magro e “perfeito” da mulher – são mobilizados e colocados em paralelo, numa simetria “perfeita”, criando aproximações pouco comuns no dia a dia entre os discursos do corpo e da língua. Diante desse jogo comparativo possível, dadas as condições de emergência, em razão da regularidade estabelecida entre essas duas instâncias enunciativas, vemos que no perfil em análise há uma semelhança interessante (im)posta que possibilita a retomada de certos imaginários estigmatizados e que sejam, ainda, reforçados a partir de um modelo discursivo idealizado tanto da língua portuguesa quanto do corpo feminino, ambos herança de nossa própria história de colonização. Vejamos a seguir alguns recortes:

Figura 1 – Perfil de Cíntia Chagas



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/cintiachagass/?hl=pt-br>. Acesso em: 6 set. 2022.

Cíntia Chagas, professora e empresária brasileira, é bastante conhecida na mídia nacional, é de seu costume fazer propagandas nas redes sociais sobre seus cursos de língua portuguesa, promovendo a (falsa) ideia de que ela será capaz de proporcionar ao aluno um falar e escrever “corretamente” e, como resultado, ter sucesso profissional. Assim, em sua biografia na página do Instagram, ela se autodefine como “a professora que ensina você a FALAR e a ESCREVER corretamente”. Ademais, também é possível encontrarmos em seu perfil a indicação explícita de que é autora de *best-seller*.

Por essa breve descrição, vemos um perfil preocupado em construir uma cenografia fiadora de seu discurso, isto é, de uma pessoa intelectual, de uma profissional competente e comprometida com o ensino da língua “correta”, que há anos se dedica a essa função tão nobre. Por ser uma professora de português, uma “educadora”⁸, ela ratifica esse imaginário social de que o sucesso decorre de muitas publicações conhecidas, os chamados *best-sellers*, como se essa forma fosse a única responsável por conferir e atestar o conhecimento ou um determinado sucesso. Para tal, o sucesso, de acordo com sua construção linguística e o jogo com a materialidade visual, é sinônimo de escrever bem e publicar livros famosos, mesmo ela não os citando. Como

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/cintiachagass/>. Acesso em: 23 jun. 2022. A empresária, após alguns meses, atualizou seu perfil incluindo a informação de que é, também, “educadora” e que “falar direito e comunicar-se bem vai transformar a sua [nossa] vida”. Acesso em: 6 set. 2022.

consequência, se ela tem a “fórmula do sucesso”, seu perfil corrobora para o imaginário do sujeito que também quer conquistá-la, matriculando-se nos seus cursos. Em virtude disso, essa formulação acaba instigando-o discursivamente a acreditar no que vê, que existe uma oposição de “certo” e “errado”; no caso dela, Chagas se coloca como fiadora da imagem “ideal” de profissional, que poderá nos prover de tal aprendizagem. Ao lado disso, atrela-se também a imagem de seu corpo bem delineado e definido como recursos visuais interessantes que só fomentam uma “realidade” (im)posta – do belo corpo da moda – e que se faz de fiadora aos sujeitos (mulheres, em especial) interessados.

Pela imagem na figura 1, encontramos um perfil que mistura publicações de sua vida profissional e pessoal, alternando, assim, assuntos que ora destacam a necessidade de aprender a falar “corretamente” (resultado dos cursos que a empresária oferece), ora trazem imagens e vídeos exibindo sua vida repleta de cuidados e preocupação com o corpo. Contudo, é preciso salientar que nesse segundo item, de cunho mais pessoal, a professora não deixa de associar as regras da língua ao cuidado do corpo (feminino), aproximando as duas instâncias discursivas e regularizando um imaginário social intermediado pelos seus comentários, fundindo a língua e seu uso “correto” com a beleza “perfeita” do corpo (feminino). Ou seja, ambas as instâncias discursivas adquirem um *status* a partir de um modelo cenográfico construído tanto das regras que transmite pela língua normativa quanto ao padrão do corpo como características necessárias para viver bem profissional e pessoalmente.

Por meio de pequenos vídeos, comentários gerais de incentivo à população para realizar seus cursos de português para fins profissionais, Chagas garante que ensinará a todos a adquirirem sucesso na carreira profissional por possuir métodos revolucionários que facilitariam a compreensão e o falar a “língua da tradição”. Essa configuração remonta a uma memória de oposição composta sobretudo pelo “certo” e “errado”, ratificando ainda mais a segregação por meio de classes sociais, isto é, as mais ricas, que têm acesso garantido ao ensino (privado) e são utilizadoras de formas mais cultas, e as mais pobres, minoritárias, cujo acesso à informação nem sempre é garantido, desconsiderando totalmente as variedades possíveis a partir da diversidade linguística que existe no espaço brasileiro.

Em relação ao *corpus* analisado, sua produção cenográfica contribui também na discursivização de certos estereótipos sociais, atrelando a ideia de “perfeição” do corpo, conforme os discursos da moda e da língua. Ou seja, numa referência clara à personagem Mulher Maravilha (figura 2 abaixo), a empresária se compara por meio da modificação do rosto da heroína, em que o seu rosto aparece como sendo o da heroína dos quadrinhos, o que promove um jogo discursivo interessante que desloca e ressignifica toda a força da mulher maravilha no combate aos vilões para ela, Cíntia Chagas, como forma de enfrentar os “erros” de português no Brasil. Dizendo de outro modo, a empresária se coloca na mesma cenografia de justiceira da personagem, assumindo o papel de defensora da norma. Nesse sentido, ela e seus e seus cursos revolucionários são capazes de defender a honra e os “bons costumes” da língua normativa e, com isso, acabar com o “mal”, isto é, os “erros”.

Figura 2 – Excerto do perfil da Cíntia Chagas



Fonte: Instagram, 20 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXtXeguufQp/>. Acesso em: 6 set. 2022.

Ao contrário de muitos movimentos sociais contemporâneos que buscam romper com a perfeição do corpo feminino, o discurso e a cenografia da professora Chagas acabam, mais uma vez, naturalizando, norma(t)(l)izando e silenciando a voz de mulheres e de movimentos de resistência, destacando, desse modo, como mecanismo de perfeição somente uma certa tradição, a normativa e, conseqüentemente, a beleza

retratada por um corpo magro, belo e branco. Podemos inferir, com esse jogo discursivo, um gesto que ratifica ainda mais a cenografia do discurso conservador e classista que preza por um modelo “ideal” de língua e corpo (feminino). Enfim, a professora minimiza toda a cenografia da mulher resistente, desconsiderando, por exemplo, toda a luta já empregada pelos movimentos que resistem à ditadura do corpo “perfeito” como sinônimo de poder, além de promover o engessamento do papel do professor diante da diversidade linguística, limitando-o a ensinar apenas o que é tido como padrão normativo, conforme uma parcela da sociedade.

Outro ponto interessante de se observar na figura 2 é como ela, Cíntia Chagas, enquanto uma professora e “educadora”, combate a problemática conhecida como a linguagem de gênero, sobretudo nas escolas. Em vários *posts* feitos por ela em seu perfil e, em especial nesse em destaque, ela retoma metaforicamente a ideia criada por essas histórias em quadrinho, isto é, da luta do bem contra o mal, porém, de forma reversa: pela formulação da imagem e, por conseguinte, a criação da nova cenografia, a empresária traz a figura da personagem como responsável por combater e destruir os vilões, como extensão desse papel, ela também assume para si o papel de defender a gramática contra o “mal” (a diversidade!), no caso o não binarismo, a linguagem neutra, que assombra toda tradição gramatical. São essas deturpações que ela considera como verdadeiros vilões, promovendo, de fato, a luta do bem (a língua de prestígio) contra o “mal” (os “erros”, como vilões, que “estragam” a língua portuguesa).

Com efeito, diante dessa nova cenografia, já que a língua é viva, a professora defende um ideal prescritivo, da contraposição entre o que é falar bem e o que não é falar bem sem observar as variações e os usos da língua no seu contexto, nas diferentes condições de produção, como forma de desconstruir estigmas machistas e misóginos. Observamos que a cenografia da escola ultrapassa os limites físicos do ambiente escolar e adquire contornos do/no digital, uma nova configuração discursiva que amplia as discussões para além do aspecto linguístico, congregando o corpo como ponto inicial de discussão.

Figura 3 – Recorte do perfil de Cíntia Chagas



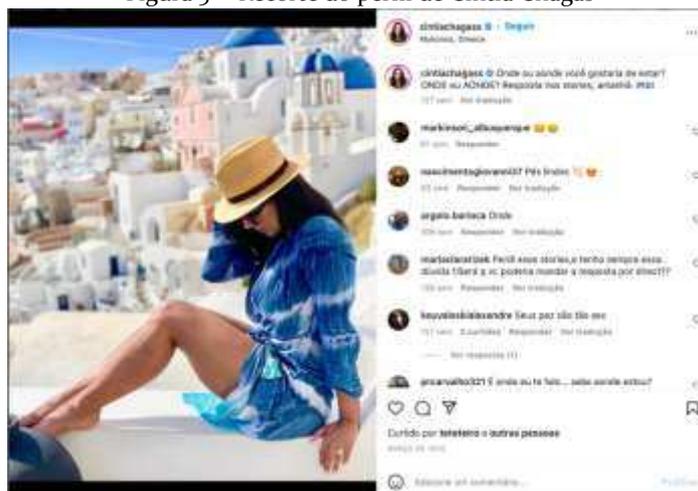
Fonte: Instagram, 26 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRwTQwGCNKe/>. Acesso em: 23 de junho de 2022.

Figura 4 – Recorte do perfil de Cíntia Chagas



Fonte: Instagram, 12 de julho de 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CRco8GLpze_/. Acesso em: 6 set. 2022.

Figura 5 – Recorte do perfil de Cíntia Chagas



Fonte: Instagram, 26 de março de 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-M5tMqH5Oi/>. Acesso em: 6 set. 2022.

As imagens anteriores mais uma vez ratificam a “quebra” da cenografia comum da sala de aula e do professor (de português). Vemos um jogo pouco usual, em que a sala de aula tradicional não aparece de fato como palco de ensino de língua portuguesa, rompendo com a expectativa parafrástica dos sentidos estabilizados (uma sala pequena, com carteiras e quadro) e, como resultado, a produção de novos efeitos de sentidos: de uma professora “descolada”, “atualizada”, “viajada”. Às imagens, podemos, também, pensar no belo do corpo (da mulher), um modelo que está atrelado à língua como reflexo dessa cenografia nada típica quando se trata do ensino de português. Resta-nos a questão: por que o corpo da mulher e não o do homem?

Logo, nas figuras 3, 4 e 5, vemos características que rompem com um imaginário social do ensino de língua portuguesa atrelado sobretudo pelo uso das redes na forma de comunicação. A lousa é substituída pelo *post* no Instagram (figura 3) e atinge um maior número de interlocutores, o que diante desse cenário fomenta a prescrição. Podemos traduzi-la, talvez, como um processo de “tecnologização do ensino”. Os *posts* que a empresária destaca são as regras gramaticais, fatores que se ligam diretamente à ordem das formações discursivas dominantes, às elites, de que ainda é preciso saber falar um português “correto” para ter sucesso profissional.

Em relação às figuras 3, 4 e 5, notamos também uma característica que é pouco regular na cenografia escolar, utilizando-se do corpo (feminino) como ferramenta de

instrução. O perfil da professora Chagas configura-se por uma padronização geral, misturando o que é a moda da língua, segundo uma gramática de herança, e o que é a moda do corpo (feminino) num perfil de mulher branca, magra e sensual. Desse modo, vemos imagens em um ambiente não profissional, em que a professora usa desde um roupão sobre o corpo, e parece relaxada, até roupas decotadas e estilosas e paisagens paradisíacas como cenário. Entre as três, uma regularidade é possível de ser observada: as pernas de fora e o contorno de seu corpo.

Há, mais uma vez, referência à ditadura do corpo belo, que atrelado à “perfeição” da língua, gera efeitos de sentidos antes jamais vistos na história da formação escolar: a padronização do corpo na mesma instância discursiva impetrada à língua. Aproximar o corpo, nos moldes de um padrão de beleza esperado e dominante, com a língua reforça uma tradição discursiva conservadora e patriarcal. Com as imagens, a cenografia construída foge do espaço “tradicional” sobre o falar da língua portuguesa e ratifica o estigma do modelo de um corpo “perfeito” e de uma língua “perfeita”.

Outro ponto interessante de se verificar na figura 4 é o modo de exposição do corpo da empresária na relação com a língua, isto é, se levarmos em consideração a regularidade de seu perfil na busca pelo ideal da tradição, apresenta-se, dessa forma, um paradoxo, pois seu corpo, esculpido de acordo com o padrão de beleza da sociedade, não coincide com os “erros” da língua que, há tempos, “você” (todos nós!) cometemos. Além disso, numa relação interdiscursiva com um enunciado bastante conhecido no contexto cinematográfico, do filme de terror “Eu sei o que vocês fizeram no verão passado” (1997), de direção de Jim Gillespie, o comentário da professora Chagas – “eu sei os erros de português que você cometeu no passado...” – o retoma e faz com que associamos o medo do filme ao medo de ser perseguido por uma figura “educadora” que está ali para nos corrigir.

Por fim, na última imagem (figura 5) vemos um contexto que também é pouco usual na prática de ensino de língua materna nas escolas. Aliada à tecnologia, Cíntia Chagas novamente se utiliza da ferramenta digital para produzir o sentido normativo em torno da língua. Mostrar a diferença entre “onde” e “aonde” como ponto gramatical fundamental para compreender em que lugar do mundo ela está, e que mesmo nessa

distância, e pela ferramenta da rede social, estará a todo instante vigilante, a fim de evitar qualquer “erro” de português que cometemos.

Observamos, afinal, que pouco importa a diferença entre os itens gramaticais que ela coloca como central na postagem, já que o belo, tanto do fundo da imagem, quanto representado pela linha bem contornada de seu corpo, em especial das pernas e dos pés, assumem o ponto central da discussão. Podemos encontrar uma mesclagem nos comentários de seus seguidores: ir pontualmente para questão gramatical pontuada por ela, respondendo-lhe ou, também, destacando a sensualidade do corpo retratada, agora, pelos pés bem-dispostos e “perfeitos”. Há, com isso, um jogo discursivo interessante que mistura não só a exaltação do modelo de sensualidade e “perfeição” do corpo feminino, como também a busca constante de uma prescrição (da beleza e da língua). O “feio” e o “erro” nessas condições não são permitidos.

Dizendo de outro modo, olhar e comparar as imagens diante da (des)construção das várias cenografias possíveis a partir do digital é configurar certos estigmas cristalizados: as normas da gramática associadas às partes fundamentais do ensino de língua portuguesa, retratando a beleza do “bem” falar, em contraposição ao “feio” (do corpo e da língua), ou o não culto, assim como as pernas bem torneadas como componentes essenciais para a naturalizar, a sensualidade feminina apenas por traços do corpo, sem levar em consideração toda a luta e resistência que as mulheres vêm empreendendo nos últimos anos contra preconceitos e a favor da igualdade.

Considerações finais

Olhar para a história e compreender seus desdobramentos na/pela língua é compreender também os deslocamentos de sentidos gerados com discursos que ora reproduzem estigmas sociais, ora os refutam por meio de movimentos de resistência. Ao observarmos a relação da língua com o corpo, encontramos uma relação ainda pouco comum, usual, mas que é possível em razão da emergência das redes e das transformações sociais que elas proporcionam diariamente à sociedade.

Com a influência das redes sociais, por exemplo, o que antes era pouco usual se aproximar, vemos, nesse momento, uma paridade tão grande que faz com que analistas dos discursos observem esse processo de transformação na língua e busquem explicá-la conforme a sua irrupção. Corpo e língua, ambos como modelos ideais e padrões, adquirem uma certa regularidade quando colocados lado a lado, ratificando imaginários sociais arraigados. Fato pouco usual na forma de ensino, esse processo que chamamos de “tecnologização do ensino” acaba contemplando muito mais do que uma simples explicitação teórica, mas abarcando questões que inserem perspectivas de discussão muito antigas que acabam retomando certos estigmas sociais e que, nesse caso analisado, ratifica-os.

Nesse caminho, vemos a ideia da língua “correta” como imaginário bastante difundido e cristalizado, reforçando estigmas marcados histórica e socialmente em nossa sociedade. O digital, por sua vez, tem se tornado uma importante ferramenta de comunicação nos mais diferentes tipos e formas, além de contribuir, de certo modo, para essa reprodução dos estereótipos e preconceitos acerca da língua portuguesa. Em um curto período, várias informações já são disponibilizadas nas mídias e, com isso, ora reforçam ora refutam os discursos dominantes. Compreender o digital e seu funcionamento é de suma importância, em especial, quando observamos a réplica de discursos que corroboram certos estigmas sociais em torno do falar “correto” da língua portuguesa, contribuindo ainda mais para a desigualdade.

Ademais, pensar nessa dicotomização, representada entre o que é “certo” e o que é “errado”, faz com que se crie e reverbere ainda mais a homogeneização da língua, descaracterizando todo um movimento de luta contra as minorias e as formas de resistência, além de ir contra a promoção da diversidade presente por outras variantes. Vemos, assim, a língua como uma estratégia capitalista que gera resquícios de um modelo conservador muito forte na nossa cultura brasileira, simplificando um conhecimento científico importante, a linguística, e desmerecendo toda a luta e militância das mulheres. Ao observarmos a produção desses discursos, tais como vimos no perfil selecionado, eles fortificam os preconceitos e estimulam ainda mais a segregação, retomando discursos dominantes – do corpo perfeito e belo, da magreza das mulheres, entre outras características – que, há tempos, vemos um conjunto de mulheres

resistir. Corpo e gramática, estruturas subjetivas construídas pelo social ainda fortalecem padrões arcaicos e proporcionam regularidades que nos fazem questionar tais padrões sociais – de língua e de corpo feminino – que há muito se estabilizam e se ressignificam com as mídias digitais.

Referências

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Cíntia Chagas. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/cintiachagas/>. Acesso em: 6 set. 2022.

Eu sei o que vocês fizeram no verão passado. **Mandalay Entertainment**. 1997 (EUA). Direção: Jim Gillespie.

FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2009.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar edições, 2006. 181p.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 6ª. ed. Trad. Maria Cecília P. Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013. 304p.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2015. 192p.

PAGOTTO, E. G. Norma e condescendência; ciência e pureza. Línguas e instrumentos linguísticos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 1998, p. 49-68.

Painel Nacional: Covid-19. Conselho Nacional de Secretários de Saúde, CONASS. Disponível em: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>. Acesso em 6 set. 2022.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas- SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura no Brasil, 1996. Disponível em: https://tga.blv.ifmt.edu.br/media/filer_public/96/64/966462e4-66c5-41fo-aoba-5e87f68eob28/por-que-nao-ensinar-gramatica-na-escola-sirio-possenti.pdf. Acesso em: 3 fev. 2022.

Recebido em 09/08/2023.

Aprovado em 09/03/2024.